

A dívida vista por um "scholar" (I)

EXTERNA

- 2 ABR 1987

RIBAMAR DE CARVALHO

Washington — A dívida externa da América Latina (cerca de 380 bilhões de dólares, dos quais mais de cem bilhões devidos pelo Brasil) não é matéria que se possa restringir ao plano econômico, ou que seja possível comprimir nos limites da região.

E um problema que tem implicações no campo social e no político, envolve vários atores — a nenhum dos quais se poderia verdadeiramente atribuir a responsabilidade exclusiva pelo presente estado de coisas — e, conforme evoluam os acontecimentos, pode repercutir de maneira calamitosa no cenário bancário e financeiro internacional.

Em seu livro *Latin America at the Crossroads*, Howard J. Wiarda, professor de ciência política da Universidade de Massachusetts, Amherst, "resident scholar" e diretor do Centro de Estudos sobre o Hemisfério do *American Enterprise Institute for Public Policy Research*, Washington, D.C., analisa a situação, examinando a crise econômica da região, em especial o problema da dívida, e formula algumas recomendações.

O livro originou-se de estudo realizado a pedido do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Entretanto, adverte Wiarda não representa necessariamente o pensamento daquela instituição sobre qualquer assunto. O único responsável por seu conteúdo é o seu autor. Apresentada de maneira inevitavelmente sumária e por conseguinte provavelmente incompleta, sua tese é o objeto deste artigo.

Em sua opinião contribuíram para a crise fatores externos e internos.

Entre os primeiros aponta Wiarda os choques do petróleo de 1973 e de 1979, em consequência dos quais o barril desse combustível passou a custar cinco ou seis vezes mais do que custava antes em relação a produtos tais como açúcar, café ou banana; o progresso da tecnologia e o melhoramento dos padrões de produção que possivelmente farão os Estados Unidos da América (EUA) auto-suficientes em açúcar por volta de 1990; a flutuação e a tendência para a baixa dos preços dos principais produtos de exportação da América Latina; novos hábitos dos consumidores, refletidos, por exemplo, no fato de que os americanos estão toman-

do menos café e mais bebidas sem cafeína; e, talvez, o mais importante, a depressão mundial de 1979.

Como fatores internos ele menciona, entre outros, problemas de liquidez e de estrutura dos países latino-americanos; em alguns casos, o desperdício e a corrupção; o crescimento desmedido dos quadros burocráticos; a expansão rápida do setor estatal e suas ineficiências; a falta de controle adequado das entidades paraestatais e de economia mista, cuja autonomia às vezes lhes permite entabular negociações financeiras e contrair empréstimos, inclusive com bancos internacionais, sem supervisão governamental apropriada, ou sequer conhecimento dos bancos centrais; os programas sociais dessas entidades, em alguns aspectos excessivamente dispendiosos e nem sempre voltados para as classes de baixo nível de renda.

Por outro lado, exacerbam a crise, segundo Wiarda, os fatos de que os investimentos externos novos nos países da América Latina, embora alguns deles ainda os atraíam, têm sido poucos nestes últimos anos; os investimentos e o capital já existentes estão deixando a região, em parte receosos das regulamentações, dos controles oficiais e da instabilidade; e os próprios latino-americanos estão transferindo seu dinheiro para outras plagas.

Com referência em especial ao problema da dívida, Wiarda expressa "algumas verdades que são incontestáveis" a seu ver. Uma delas é esta: "A dívida jamais será paga integralmente. E de tal magnitude que é inconcebível possa a América Latina jamais pagá-la".

Em sua opinião as causas remontam aos meados da década de 1970 e as responsabilidades recaem sobre os bancos, os governos latino-americanos e o governo dos EUA.

Os bancos, transbordando de dólares neles depositados pelos países exportadores de petróleo, buscavam novos campos de investimento. As economias da América Latina atravessavam uma fase de florescimento e cresciam suas exportações. A região, possuidora de haveres imensos, parecia estável e "a salvo de risco". Os bancos, em competição uns com os outros

pelo financiamento de governos e projetos, estavam "quase verdadeiramente a pedir à América Latina que aceitasse novos empréstimos".

Wiarda parece admitir que a atuação dos bancos escaparia ao qualificativo de "irracional", caso se levem em conta as garantias, os haveres da região e os lucros imensos que se anteviam. Observa, porém, que era muito difícil "a um governo latino-americano — a qualquer governo, a qualquer pessoa — resistir a tais aberturas, a condições de crédito tão fáceis como as que os bancos ofereciam".

Por outro lado, assevera Wiarda, "o governo dos Estados Unidos se mantinha na linha de frente, exortando os bancos a investir na América Latina, aproximando prestamistas e tomadores de empréstimos, buscando possibilidades de investimentos úteis e, em alguns casos, garantindo os investimentos feitos". Supunha-se então que os empréstimos pudessem substituir na região a minguante ajuda externa.

A dívida ia crescendo, mas nas condições anteriores a 1979 seu crescimento não preocupava, em parte talvez porque "havia sempre novos empréstimos para cobrir os antigos". O dinheiro era tanto, relembra Wiarda, "que nem sempre foi gasto de maneira útil e produtiva". Naquele ano começou, e em seguida aprofundou-se, a depressão mundial. Os mercados para os produtos de exportação da América Latina estancaram, as economias da região entraram em dificuldades, rarearam os empréstimos destinados a salvá-las e agravaram-se as despesas de juros, relata o autor do livro.

Aos países latino-americanos não conviria, porém, segundo Wiarda, escusarem-se definitivamente a pagar, visto que isso poderia prejudicar-lhes o crédito e a imagem internacional, inabilitá-los para novos empréstimos e arriscar a confisco seus haveres no exterior; aos bancos não interessaria cancelar os empréstimos como "inco-bráveis", dadas as consequências que daí poderiam decorrer, inclusive o colapso de alguns deles; e o governo dos EUA não desejaria que os países latino-

americanos ou os bancos entrassem em colapso porque se isso acontecesse teria talvez de correr a salvá-los.

Assim, e conscientes os atores do drama de que a dívida jamais poderá ser paga integralmente, surgiu e fortaleceu-se a idéia, em cuja perpetuação todos têm interesse, segundo o autor, de que ela é "maneável", o que significa algo diferente para cada um deles.

"Para os bancos, sustenta Wiarda, significa que não lhes é necessário cancelar os débitos da América Latina, senão que podem mantê-los em seus livros, e portanto não terão os seus depositantes, nem seus acionistas, nem sua administração de enfrentar os custos ou arcar com a triste responsabilidade de haverem feito empréstimos que não podem ser pagos. Para os governos latino-americanos significa o fluxo continuado de fundos de empréstimos e de assistência, se bem que ao considerável custo de terem de administrar os programas de austeridade impostos pelo FMI. Para o governo dos EUA significa um adiamento do inevitável ajuste de contas, uma maneira de evitar a perspectiva, politicamente destituida de atrativo, de salvar os bancos, ou vários que certamente serão descritos como governos latino-americanos corruptos e ineficientes".

Tem havido habilidade nessa estratégia de não pagar, nem cancelar. Isso tem contribuído, na opinião do autor do livro, para explicar por que motivo nenhum dos países latino-americanos se mostrou receptivo ao conselho cubano — jamais seguido em Havana — no sentido do repúdio total da dívida.

Até quando, porém, se poderá aplicar essa estratégia? A crise da dívida, observa Wiarda, "tem sido adiada e tem sido 'manejada' — mas não foi de maneira alguma resolvida". Que se fará, pergunta ele em outras palavras, se em algum momento as condições forem tais que os países latino-americanos não possam realizar nenhum pagamento ou repudiar a dívida? Se os depositantes dos bancos resolverem retirar seu capital? E se os acionistas decidirem exigir das gerências relatórios que não sejam obras de ficção?

A propósito, Wiarda tem algumas idéias que tentarei resumir amanhã.